

Além das quatro linhas: o futebol como espaço de sociabilidade feminina.

EDUARDO JOSÉ SILVA LIMA\*

Apesar de um discurso normativo que tolhia as mulheres de praticarem determinados esportes, muitas não acolheram esse discurso e seguiam praticando esportes como Remo, Vôlei, etc. Além das mulheres praticantes, alguns esportes contavam com um quadro considerável de torcedoras, principalmente o Remo e o Futebol. Os novos espaços de socialização criados por estes esportes possibilitaram novas práticas femininas, como torcer por um time e tê-lo como parte de sua identidade, flertar durante os jogos com rapazes nas arquibancadas, como também, frequentar os bailes dançantes promovidos pelos clubes em dias festivos. O objetivo deste artigo é contextualizar a criação desses espaços de sociabilidade, frutos da modernidade, como também identificar a participação do público feminino em tais espaços.

Os bailes nos famosos clubes da cidade, principalmente de futebol, como Sport, América, Náutico, Santa Cruz e Flamengo são frequentemente citados nos periódicos como lugares de “fina elegância”. As “senhorinhas distintas” aproveitavam os chás dançantes e os bailes, com direito a jazz-band, para se divertirem e se socializarem com rapazes e moças do mesmo grupo social, da elite recifense. Esses espaços eram novos e por isso exigiam padrões comportamentais específicos, mas que por serem situações inéditas as regras de comportamento estavam em construção, negociação e, obviamente, conflito.

Os locais dessas práticas são de suma importância para entendermos como eram abertos os espaços para os esportes femininos. Os clubes de futebol e remo a partir da década de 1920 permitiram que mulheres praticassem remo e disputassem competição pelo clube. Já o futebol a prática fica restrita primeiramente aos homens e depois as crianças de sexo masculino que passam a integrar os quadros infantis de alguns clubes. O principal difusor dos esportes femininos são as escolas e colégios, baseados em fundamentos eugênicos o país começa a se preocupar com a saúde dos corpos femininos e investe pesado na educação física no currículo escolar.

Além dos novos espaços promovidos pelo esporte as mulheres, há outra mudança na vida cotidiana das mulheres após a inserção dos esportes em suas vidas. Devido à mobilidade

\* Mestre em História pela URFPE.

exigida pelos esportes foi criada a necessidade de usar roupas específicas, com isso muitas roupas criadas para a prática de determinados esportes ultrapassam os limites esportivos e passam a se tornar utensílios cotidianos. As revistas ilustradas discutem essa mudança na moda provocada pelos esportes. É importante destacar que a palavra moda se refere automaticamente a moda feminina, não havia relação, nas fontes, de moda com o sexo masculino. Moda era especificamente feminina e só se tratavam de tópicos relacionados a esse universo.

As “sportwomans” vão crescendo a cada dia no Recife moderno. O termo já tão conhecido e popular do período “sportman” ganha um feminino com significado muito parecido. Semelhante, pois de acordo com o *corpus* documental a palavra “sportman”, um homem esportivo em uma tradução livre, se refere tanto ao apreciador de esportes quanto ao praticante, ou ainda, em determinados casos, a ambas as condições. Já o conceito de “sportwoman” geralmente está associado a torcedoras, apreciadoras do esporte, como também a um estilo de se vestir para acompanhar ou praticar esportes. As “sportwomans” podem ser jogadoras ou praticantes de esportes, mas geralmente o conceito é associado a torcedoras, principalmente de futebol.

Durante toda pesquisa e análise do *corpus* documental não foi identificada nenhuma referência da prática de futebol pelas mulheres recifenses. Contudo o meio esportivo do futebol tinha uma marcante presença feminina. As mulheres da elite da cidade do Recife frequentavam com bastante assiduidade as arquibancadas de futebol para torcerem por seus clubes preferidos. São muitas as referências em jornais e revistas da presença das “elegantes senhorinhas nas archibancadas” dos mais variados clubes de futebol e de Remo.

É muito difícil explicar os motivos que geraram essa ausência feminina como praticante do futebol. A concepção de que as mulheres teriam se submetido ao discurso normativo masculino que não apoiava a prática é uma visão simplista, pois o remo também não era “aprovado” por este discurso, contudo é possível encontrar várias referências de mulheres remadoras, como também mulheres praticando tênis e vôlei. Talvez não houvesse um interesse feminino por essa prática, a pecha de esporte violento que vai se popularizando ao ponto de se tornar profissional, talvez não chamasse atenção das mulheres para praticá-lo. É possível que o enxergasse como um esporte apenas para apreciação, não encontramos

nenhuma referência que relacionasse futebol com a moda<sup>1</sup> o que referenda o fato da procura das mulheres por tal esporte ser ínfima. Há outro fator interessante a ser colocado nessa discussão, o futebol é interpretado pelas elites urbanas brasileiras como um “esporte fidalgo”<sup>2</sup>, um esporte que deveria ser praticado por integrantes desta elite como forma de distinção social. De modo que sua popularização acentuada, a exigência de trajes curtos que facilitassem a locomoção podem ser fatores que afastaram as possíveis “sporwomans” do futebol.

Há, no entanto, um registro da opinião feminina sobre o futebol. O artigo chamado “O que o vento leva” que analisaremos a seguir é de autoria de Debora Monteiro e poderemos ter uma pequena amostra da percepção do futebol por uma vez feminina. Obviamente é apenas uma amostra ínfima que não retratará de maneira alguma “o pensamento feminino” referente ao futebol, mas é uma fonte que nós levará a algumas discussões acerca do tema. Seguimos:

Actualmente entre nos, não mais como na Grecia antiga – onde todas as cerimônias e manifestações elevam-se a culminâncias excelsas guardando um signo de grandeza -, toda a mocidade sportiva, incluindo as “sportwomans” anceiavam sofregamente, à espera do Botafogo. O foot-ball nasceu – como, um soberbo absoluto em todo seu apogeu-, no domínio dos saxônios, no Paiz de Uncle Sam e de John Bull. Espalhou-se dos centros athleticos onde foi o encanto mimado por todo o vigor tumultuoso do sexo másculo, num progresso triumphante; e a insinuar-se pelo Pacífico e pelo Atlântico atravessando as altas águas, empolgando, entusiasmando, vadeou difundindo-se no mundo pelo ocidente para o oriente, do norte ao sul.

No nosso meio o foot-ball já se enraizou nos costumes assenhoreando se do famoso Recife. E é hoje o foot-ball emocional que vemos jogado nos campos quadrangulares, diante de aglomerações de espectadores despertando um murmúrio inquieto como partido de nervos n’um ondear da vida, dominando todos os assistentes impressionáveis.

Sob um céu muito azul, ao clarão rubro do Sol – o tyranno e carrasco dos paízes tropicais, que sorri ironicamente na sua inclemência luminosa, os espectadores applaudem, aclaman, deliram, lampejam nos olhos brilhos metálicos...

O rumo não cessa persistindo: há toda uma polyphonia de vozes. É o foot-ball!<sup>3</sup>

A autora do texto relata um momento de muita euforia na cidade do Recife devido à excursão do Botafogo Futebol Clube do Rio de Janeiro. Podemos perceber que as

<sup>1</sup> Esta com definição da época já explicitada.

<sup>2</sup> (PEREIRA, 2000)

<sup>3</sup> “O que o vento leva” in Vida Moderna N.1, 1919.

“sportwomans” são aqui retratadas como torcedoras de futebol, apreciadoras que estão ansiosas por assistirem a partida, ou seria ao time do Botafogo? Ou ainda, seria aos jogadores do time do Botafogo? As arquibancadas dos clubes são frequentemente retratadas como um espaço de sociabilidade, um espaço de circulação de homens e mulheres com possibilidade de contato entre os gêneros. Apesar de espaços com essas características terem aumentado consideravelmente do século XIX para o XX estes espaços, ainda, não eram muitos. A partir do discurso da autora também é possível identificar a popularidade que o esporte tinha alcançado no meio social recifense. As pessoas se aglomeravam para assistir as partidas de futebol, principalmente nesse caso, um time da capital do país, onde o futebol era “mais desenvolvido”, jogando contra os quadros pernambucanos “ainda se desenvolvendo no esporte”, segundo a crônica esportiva local. Além dos ansiados confrontos dentro do campo de futebol, outro momento muito esperado eram os bailes festivos promovidos pelos clubes pernambucanos em homenagem aos visitantes.

No discurso da autora do texto percebemos que, para ela, não há uma distância muito grande no sentido de participação no esporte entre jogadores e arquibancada. Afinal não era mesmo para existir essa distância, pois quando afirmamos que o sentido do futebol, que tinha um discurso da eugenia como fundamento, era educar e docilizar os corpos e a busca por um suposto melhoramento racial, observando por esta ótica o público era tão importante quanto os jogadores, pois era para a arquibancada que o espetáculo era montado.

Monteiro ao classificar o futebol como esporte “do sexo másculo” não vê nenhuma possibilidade da prática do mesmo por mulheres, a discussão sobre a relevância da prática do futebol pelas mulheres não existe, pois para ela não havia necessidade, ao estarem presentes nas arquibancadas as mulheres já estariam participando do futebol. No entanto é possível perceber um tom sensual na descrição da autora sobre o esporte e conseqüentemente sobre seus praticantes. É possível afirmar que o futebol gozava de popularidade entre as mulheres, pois seria uma possibilidade de moças jovens observarem rapazes com corpos atléticos e musculosos os quais poderiam flertar, já que a depender de onde o jogo era realizado e do local do campo onde fosse assistido, poderiam ser uma opção de futuros parceiros. Observemos a “nota elegante” da revista Vida Moderna relacionada à excursão do Botafogo:

A nota elegante da semana ainda coube ao foot-ball. Horas intensas e rápidas, aquelas da tarde de domingo. O Recife levou ao campo do Sport o que tinha de mais chic. A arquibancada era uma vasta montra aristocrática onde havia seintilações(sic)

de jóias, perfumes magníficos, uma confusão de cores e graça feminina dominando. Todos esperavam o encontro com uma ansiedade nervosa. O ground não permite as emoções sutis, cheias de harmonia e delicadezas. Não se sente um refinamento de atenção, é a ânsia inquieta que empolga. Quando o jogo começa toda arquibancada é uma onda de vibração e alegria. **Mas ali está a mulher** (grifo nosso) e está a graça, o riso, a suavidade, a delícia do flirt que é a maneira gentil da admiração retribuída.<sup>4</sup>

Segundo o autor (a) da seção as arquibancadas de futebol era um excelente evento social para a elite da cidade do Recife. O “local da mulher” é referenciado com destaque a arquibancada é o lugar onde elas podem desfilarem sua graça, suavidade, elegância e beleza. É este o lugar da mulher no campo esportivo do futebol, este é o espaço que lhe destina, sendo, de certa forma, aproveitado pelas mesmas quando assumem uma postura de comando em relação ao flerte. Dentro das quatro linhas é um espaço essencialmente masculinizado onde é possível desfilarem todas as características do homem moderno, atlético, esportivo, elegante e cavalheiro baseado no ideal britânico. Já a linha lateral é um espaço onde a mulher se torna o atrativo, elas são o que merece ser destacado, suas roupas, seus acessórios, suas reações ao jogo, as características observadas na arquibancada são as femininas.



Eram comuns os casos que as mulheres tomavam a situação de comando nas arquibancadas do futebol, seja com algo relacionado estreitamente com o futebol, como conhecimento de regras e comentários sobre o jogo. Como também momentos de controle

<sup>4</sup> Seção Vida Elegante *in* Vida Moderna N.2.

sobre o flerte, as mulheres escolhendo seus parceiros de flerte com critérios definidos por elas. É possível inferir que as arquibancadas de futebol eram um espaço no qual as mulheres gozavam de uma maior descontração, um ambiente que permitia certas possibilidades que outros espaços mais restritos, vejamos o diálogo abaixo:

- Eu não aprecio o “C.” como referee – dizia a gentil torcedora “D.” n’uma roda de amiguinhas- Não posso gostar, tem sérios defeitos. Não achas “M.”?

- Sei lá, não entendo de foot-ball, não conheço as regras desse jogo.

- Pois eu compreendo perfeitamente – dizia a encantadora “D.” batendo com a sombrinha furta-cores no chão.- conheço muito bem foot-ball.

Olha, por exemplo, para o referee “C.” todo jogador está off-side; a bola n’aquelle canto, está off side; o “G.” jogando d’aquella maneira, está off-side. É um horror. Só actua assim, collocando tudo off-side. Não gosto desse modo de proceder. Sou perita nas regras do jogo betrão...

- que queres?- retorquiu desconsoladamente a senhorinha “B.” – Se ele vivi eternamente em off-side.<sup>5</sup>

Nesse diálogo percebemos duas características muito citadas, o conhecimento do esporte por uma das jovens e o interesse velado de outra pelo árbitro da partida o senhor “C.”. O futebol nesse momento extrapolava os momentos do jogo e fazia parte das conversas cotidianas entre as moças da cidade do Recife, o esporte causava interesses múltiplos seja pelo apreço pela disputa envolvida no jogo, seja pela simpatia que causavam os atletas e árbitros, que geralmente eram atletas, nas moças da cidade. Enquanto a senhorinha “D.” se preocupa e se mostra bastante interessada na dinâmica do jogo futebolístico a senhorinha “M.” diz não entender nada e nem estar interessada no futebol e por fim a senhorinha “B.” mostra um interesse pela companhia do senhor “C.” que está impedido, provavelmente está em um relacionamento com outra mulher. A brincadeira da narrativa é o “off-side”, impedido, uma das moças reclama de que para o senhor “C.” tudo é impedimento, já a senhoria “B.” reclama do mesmo estar em impedimento.

As revistas ilustradas incentivam a participação feminina nos campos de futebol, viam com bons olhos a frequência das moças nesse ambiente. Tanto que uma delas promove a ida das jovens a campo com a distribuição de brindes, “mimos”, além da propaganda do jogo na revista.

---

<sup>5</sup> Vida Moderna N.6, 1919.

Amanhã é o dia do nosso festival. Como desejaríamos, sinceramente, dar às nossas torcedoras lindas e gentis um brilhante festa, ellas que são a alma encantadora das partidas de foot-ball!

Entretanto, mais vale o nosso esforço, o grande empenho em servi-las, em organizar um programa de jogos attraentes, feitos para ellas.

Por isso não lhe dispensamos a presença e amanhã esperamos ver os grupinhos garridos e alegres a torcer pelos seus players prediletos. Reservamos-lhes um mimo, um nada porque o nosso desejo era que todas as senhoritas tivessem uma lembrança desta revista.<sup>6</sup>

Há um apelo da revista para promover o evento, pois o mesmo é apoiado pela revista. Todavia o que nós chama atenção é o fato da promoção ser voltada apenas para o público feminino. No excerto supracitado destacamos que para a revista a participação feminina é essencial, ou ao menos quer que elas entendam isso, há a possibilidade das mulheres se reunirem em grupos e expressarem suas emoções pelos seus jogadores prediletos, além do “mimo” que a revista distribuirá a cada senhorita que assistir ao jogo. A revista promete o maior esforço pra “organizar(sic) um programa de jogos attraentes, feito para ellas.”, qual seria o critério para organizar partidas de futebol para um público feminino? O texto com fim de promover o evento segue descrevendo características técnicas dos times que irão se embater, tendo por fim um argumento identitário, pois o scratch, selecionado, da Liga Pernambucana de Desportos Terrestres terá como adversário o Comercial de Ribeirão Preto de São Paulo no último jogo do dia. Portanto há um apelo de identidade regional para que as moças incentivem o selecionado local no embate.

Um aspecto interessante das arquibancadas é o *flirt*, flerte, ou simplesmente paquera. A torça de olhares inicial feita pelo casal com objetivo de realizar um primeiro contato, conseguir um sorriso, um olhar, algum sinal que incentive um primeiro diálogo. Baseado nas revistas ilustradas, percebemos que o flertar era algo corriqueiro nas arquibancadas de futebol antes, durante e após os jogos. As jovens percebiam que nesse espaço elas tinham uma certa liberdade para o flerte, para se reunir em grupo com outras moças de mesma idade e classe social, como também um espaço para expressar emoções que seriam tolhidas em outros espaços. Vejamos um caso em que o flerte já atingiu um patamar mais elevado:

---

<sup>6</sup> Revista Vida Moderna, N.8, 1920.

Ella espirituosa e viva, é uma entusiasta ardente do <<foot-ball>>, embora naquela tarde estivesse muito distraída e quase não olhasse o campo. Talvez um segredo nas violetas e nos cravos que trazia.<sup>7</sup>

Vemos que a jovem entusiasta do futebol tem um motivo a mais para se alegrar na tarde de domingo em que ocorria o jogo. Além de torcer por seu time do coração, parece ter conquistado o coração de algum rapaz que partilha o mesmo espaço da arquibancada que ela. Alguns casos não tinham um início tão promissor quanto o narrado acima:

- Perto, um rapaz, de roupas artisticamente talhadas e pós de arroz no rosto, lançava-lhe olhares adocicados e infructíferos.
  - É um almofadinha... disse ella para a companheira.
  - Deve usar espartilho... comentou a outra.
- O rapaz, não sabemos se por ter ouvido o comentário, pediu licença e passou.
- Nunca em minha vida dei licença com tanto gosto.<sup>8</sup>

A moça rejeita os “adocicados” olhares do rapaz por classificá-lo como almofadinha, esse adjetivo é bastante interessante neste período pós Primeira Guerra Mundial. Segundo o historiador Tiago Melo Gomes “nesse contexto, a utilização de maquiagem e de um vestuário ditado pela moda poderiam levar alguém a estar fora de um padrão aceito, sendo então passível de ser classificado como homossexual”<sup>9</sup>. O rapaz citado preenchia esses requisitos e estava fora dos padrões de masculinidade aceito pela sociedade recifense da época, ele não estava de acordo com um modelo desejável de masculinidade construído por esta sociedade. Independente da veracidade deste diálogo, digo se ele aconteceu e se aconteceu desta forma como narrada, o importante é sua verossimilhança. Os papéis sociais modernos estavam em constante construção e definir os papéis de gênero era de suma importância, nesse caso o almofadinha era um tipo de papel masculino que não era aceito e não devia ser incentivado. A mensagem que existe no discurso da jovem é de que mulheres não gostam de almofadinhas, então cabe aos rapazes que querem se aproximar das moças não assumirem esse papel, logo quem aderisse a esse estilo após esse “aviso” seria visto como homossexual.

---

<sup>7</sup> Vida Moderna, N.33, 1919.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> (GOMES, 2004, p.225)



O campo esportivo do futebol fornecia outro espaço de sociabilidade para as jovens da elite urbana da cidade do Recife, este seria as sedes dos clubes esportivos. As festas promovidas pelos clubes eram muito concorridas e contavam com grande publicidade da imprensa. As festas, bailes dançantes, *soirrés*, com jazz-bands eram bastante comuns na cidade e ganhavam uma distinção maior quando eram promovidas para homenagear clubes de fora do estado que excursionavam na cidade do Recife. Vejamos o caso da “senhorita Penna” em um baile no clube do América:

Senhorinha Penna olhou curiosa... Descobriu n’um dos espelhos da sala uma infinidade de olhos que a admiravam. Foi quinta-feira n’aquella reunião dansante do América, exatamente quando um conhecido orador, brindando os jogadores do Botafogo; reunia-os todos. Ella, mal podia ouvir a saudação que era dominada pelos entusiasmados “hurras” dos audientes. Esteve perto de se entrelaçar n’uma d’aquellas frágeis redes... que formavam os goals da sede, se alguém não a desviasse do ponto onde se aglomeravam os admiradores. Ella desejaria registra-los todos aqui mas como o numero é muito grande não cita nenhum. Conversando e tagarelando, elogiava a adorável reunião dos moços bonitos e das encantadoras e a discintina adornamentação da sala. Mas que sucesso quando a senhorinha Penna dansou: ágil como uma pena, evoluía pisando todos os corações que anceiavam por ela e que eram muitos...; entretanto partiu distribuindo um sorriso para todos.<sup>10</sup>

Percebemos que a senhorinha Penna estava lisonjeada com tamanha admiração masculina pela sua pessoa e assume uma postura de comando em sua passagem pela festa. Nós levando a pensar que os bailes, como as arquibancadas, eram espaços que as características femininas eram mais ressaltadas que as masculinas, ao contrário do espaço do campo dentro das quatro linhas. Mas mesmo longe dos gramados o futebol não era totalmente esquecido nos momentos de festas nos clubes, como poderemos ver a seguir:

No “Mocidade Club”

A mania do foot-ball em alguns typos põem-nos malucos. O sportman Z. está nessa classe. Só vive falando em foot-ball. Qualquer coisa: porque é preciso treinar. Você, fulano, não anda bem, é preciso treinar. Você, sicrano, não come bem, é necessário treinar. Você, beltrano, não fuma bem, tem falta de treino. É um horror! Quer que toda a gente viva n’uma treinação constante... Que treine só! Ora já se viu disso!... Que mania!

<sup>10</sup> Vida Moderna, N.3, 1919.

Outro dia, no “Mocidade Club” lá estava o treinador Z... A festa corria magnífica. Os pares rodopiam as dezenas, n’um encanto indescritível. Z... sempre a treinar, apaixonou-se pela moreninha Au... e poz-se a fazer o treino da aproximação. N’um dado momento, tocam um rag-time. Z..., todo medidas, chegou-se à moça, dizendo: a senhorinha pode treinar commigo? Perdão... dançar este rag-time? Eu não sei dançar, cavalheiro. Não há dúvida, ensinola-hei. E tanto pediu e tanto rogou, que a senhorinha foi dançar. Depois de ter dado algumas voltas, Z... sentou a senhorinha a um canto do salão e, curvando-se todo, carinhosamente, disse-lhe baixinho: - V.excia. é preciso treinar um pouco... A senhorinha abanando-se nervosamente, replicou: o cavalheiro está enganado... eu não jogo foot-ball.<sup>11</sup>

Nem sempre os flertes em dias de bailes eram bem sucedidos, nesse caso a mensagem é de que mesmo para os apreciadores de futebol deve haver limites. A senhorinha deixa claro não jogar futebol e da maneira pela qual ela exclama isso dentro do diálogo sugere que o fato de treinar e da exigência de treinos era algo associado ao futebol. Ao rechaçar um apego desenfreado pelo futebol podemos entender como uma visão contra o profissionalismo no futebol recifense que vinha dando seus primeiros sinais neste momento, mas essa questão será discutida posteriormente. O importante aqui é perceber que o futebol, na condição de esporte moderno, proporcionou novos espaços de sociabilidades para elite urbana do Recife. E de maneira geral as mulheres dessa elite se beneficiaram da abertura desses espaços, campo de futebol e sede dos clubes, quanto com a criação dos cinemas. Inclusive percebemos que a interpretação que elas tinham destes ambientes era de locais de lazer, visto como opções para um dia de lazer como o domingo.

Com o passar da evolução do futebol pernambucano as rivalidades vão sendo construídas pelos integrantes do campo esportivo do estado. Em determinado momento a construção dessa rivalidade toma uma dimensão muito grande entre os indivíduos que passam a tomar as cores que identificam seus clubes como parte de sua identidade. Com as mulheres não é diferente observamos que elas participam dessa construção tomando para si seus clubes favoritos e fazendo parte de um grupo identitário maior que é o grupo de torcedores e torcedoras de determinado clube de futebol. Assim o clube de futebol passa a fazer parte da identidade de certas mulheres que tinham orgulho de expor as pessoas o resultado de sua escolha futebolística:

---

<sup>11</sup> Vida Moderna, N.9, Ano I, 1919.

## Escola Normal oficial<sup>12</sup>

Professorandas de 1920:

I – Carmem Muniz Netto: (...) É admiradora fervorosa do valoroso Alvi-Rubro, do qual traz sempre consigo, o emblema.

II – Maria Alice Rodrigues dos Anjos: (...) Admira com delírio o glorioso Santa Cruz, de que possui um pequenino escudo, seu inseparável companheiro.

IX – Maria da Conceição Cesar Galvão: (...) Tem uma admiração especial pelo intrépido bi-campeão rubro-negro.

As mulheres citadas acima são formandas do curso de normal-superior futuras professoras da cidade do Recife. Nesse anuário são descritas várias características elogiosas a essas mulheres, ressaltado seus caráteres, beleza, inteligência e, como vimos, algumas delas eram associadas a clubes de futebol. Com isso percebemos a impotência que o futebol tinha para essas mulheres que faziam questão de serem identificadas como torcedoras de seu clube favorito. Andar com escudos pequenos, fitas das cores de seu time tudo isso faz parte de uma construção da identidade dessas moças que em um momento de grande importância de suas vidas, a formatura, fazem questão de serem novamente relacionadas aos seus clubes de futebol.

Outro momento importante que podemos relacionar identidade feminina com o futebol era nas seções das revistas que funcionavam como promoção de solteiros, homens e mulheres. Nessa seção homens e mulheres descreviam suas qualidades e o que procuravam em um possível parceiro que se interessaria após a leitura dessas características. Os indivíduos mandavam sua descrição para revista, esta publicava e serviria de intermediário entre os “anunciantes” e os interessados nas pessoas anunciadas. Dentre as características descritas é comum alguma relação com o futebol, por exemplo:

M. A. P. C

Alva, loura e melindrosa.

Muito jovem pertence ao mais ilustre rebanho de Recife e torce hereditariamente pelo veterano alvi-rubro. Faz elegâncias, guia automóvel e no nosso set é admirada pela educação rafine. Adora foot-ball.<sup>13</sup>

B. L

<sup>12</sup> Vida Moderna, N.9, Ano II, 1920.

<sup>13</sup> Vida Moderna N-4, 1919.

Jovem e melindrosíssima. Um lindo biscoit, risonho e loiro, com todos os sentidos da beleza de mulher. Acredita que a vida é uma alegria intensa: o riso, o amor e todas as coisas transitoriais. Adora o Sport e guarda vagas saudades do Botafogo.<sup>14</sup>

Percebemos a importância que o futebol tinha na formação da identidade dessas mulheres, estas faziam questão de salientar sua identificação não só com o esporte, mas com um time favorito. Isso demonstra que as mulheres participavam efetivamente da vida esportiva da cidade, no caso do futebol, sua atuação não incluía a prática do esporte, mas as mulheres da elite urbana do Recife deram significado ao entorno do esporte. Os bailes dos clubes e as arquibancadas quando são relatadas nas fontes são ressaltadas as feminilidades desse ambiente, pensar na torcida de futebol, nesse período, é pensar em jovens que resignificaram o espaço da arquibancada como um ambiente em que elas exerciam mais poder que os homens. Além do mais o futebol é parte do “pacote” da modernidade, assim, fazer parte dele era algo considerado “moderno e elegante”.

A seguir exponho um poema que nos mostra uma relação possível entre as mulheres recifenses e o futebol:

---

<sup>14</sup> Idem

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

## Ver Ouvir Cantar

|   |   |   |
|---|---|---|
|   | Quase uma allucinação.  | E conserva as linhas puras<br>Como as das iluminuras<br>Que há de Augusto Doré.   |
| O foot-ball é hoje em dia<br>Um dos poderes de estado:<br>Seu prestígio se erradia<br>Do povo a aristocracia<br>E até decreta feriado                     | O jogo bretão inflama<br>E dissidência produz...<br>Pelo <<Sport>> é Noemi<br>Gama,<br>Mas, já sua irmã reclama:<br>Eunice é do <<Santa Cruz>>                | Uma das olheiras de sombra,<br>Indecifráveis mysterios<br>Que o luto ainda mais<br>ensombra,<br>Lembram violetas na alfombra<br>De ignatos eremiticos   |
| Nem há moça que suporte<br>Rapaz, nos tempos de agora,<br>Que não saiba a fundo o sport<br>E não exponha o peito à morte<br>Pelo club que ella adora.     | E é tricolor relutante...<br>Nada existe que derrube<br>Sua ideia, e ri, triumphante,<br>Si Elza Bittencourt garante<br>Que o <<Flamengo>> é o<br>melhor club | Em um grupo, que resplende,<br>Irene Gomes Mattos<br>Ao rubro-negro defende<br>Perto, a discussão se ascende<br>E quase há fuzilados  |
| Domingo a janela aberta,<br>manhã linda, céu escampo,<br><<mademoiselle>> está alerta<br>E exclama, logo desperta:<br>- Mãe, hoje eu vou ao<br>campo.     | Forma esbelta e sedutora<br>Em alhos de escuridão<br>Do <<Nautico>> é defensora,<br>Denodada <<torcedora>>,<br>Lucia Carneiro Leão.                           | E as contendidas são eternas...<br>Mas, das geraes para as bancas,<br>Sobem olhadelas ternas<br>Ao sortimento de pernas em<br>meias brancas.  |
| E vou, seria um clamor<br>Perder o <<match>> essa vez<br>Não ver quem jogou melhor,<br>Não saber o <<score>><br>Si 8x0 ou 4x3                             | Lyndia Altino tem vivos<br>Enthusiasmos. Encontramol-a<br>Nos seus modos atrativos<br>Entre os prélios desportivos,<br>Do <<América>>erguendo a<br>flâmula.   | Logo que a Victoria é um facto,<br>Sae, vibrando, a multidão.<br>E do amor no campeonato,<br>Há também quem marque, é<br>exato,<br>Mais um goal no coração.<br>(Justino Clarel) <sup>15</sup> |
| Há no estádio provocantes<br>Toilletes de mil feitiços.<br>Sedas <<grenats>><br>flamejantes,<br>Gazes e <<voiles>> ondeantes<br>Crepons, velludos macios. | E os gritos sobem no espaço:<br>- Boni o! Avança! Segura!<br>Dribla Nequinho! Zétasso!<br>Meu Deus! Eu morro! Que<br>faço!<br>Muito bom! Bravos, roxuras!     |   |
| Agita as archibancadas<br>Um frêmito, uma explosão<br>De palmas exageradas,<br>Gritos, phrases alarmadas,   | Contemplo algumas criaturas,<br>Daquella que a gente vê   |   |

\* Mestre em História pela URFPE.

<sup>15</sup> Vida Moderna, N-39,  
1919.

No poema é possível perceber a íntima relação entre as mulheres e o futebol, destacando a paixão clubística das mesmas. Ir ao campo prestigiar seu time era algo natural, fazer parte do jogo como torcedora, orgulhava essas mulheres que levavam consigo seu time de futebol para qualquer parte. No fim do poema Clarel faz referência aos fleters que ocorriam na arquibancada, só que dessa vez entre moças da arquibancada e jogadores de futebol. Fica subentendido no trecho “E as contendidas são eternas...Mas, das geraes para as bancas,\Sobem olhadelas ternas\ Ao sortimento de pernas em meias brancas.”. Essas olhadelas poderiam ser o início de um relacionamento futuro como insinua o autor nas últimas linhas de seu poema: “E do amor no campeonato,\Há também quem marque, é exato,\Mais um goal no coração.”. Fica clara a conotação sensual que o autor dá nessa estrofe. Percebemos assim que o campo esportivo do futebol teve uma efetiva participação feminina, que por muito tempo foi desprezada pela história do esporte. São mínimos os textos que dão vozes a essas mulheres que fizeram parte da construção do campo esportivo, mesmo que não na condição de atleta.

## Referências Bibliográficas

ALVES, Givanildo. **85 Anos de Bola Rolando: Federação Pernambucana de Futebol 1915-1999**. Recife: Editora Bagaço, 2000.

\_\_\_\_\_. **História do Futebol em Pernambuco**. Recife: CEPE, 1978.

ARRAIS, R. P. A. . **Recife, culturas e confrontos**. Recife: EDUFRRN, 1998. BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil 1914-1940**. São Paulo: ed. EDUSP, 1999.

CAUFIELD, Sueann. **Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. São Paulo: editora da UNICAMP, 2000.

CORDEIRO, Carlos Celso; CORDEIRO, Luciano Guedes. **Sport – Retrospecto 1905 a 1959**. Recife: Editora Autor, 2005.

\_\_\_\_\_. **Náutico: Retrospecto de Todos os Jogos 1º volume**. Recife: Editora Bagaço, 2001.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

COUCEIRO, Sylvia Costa. **Artes de viver a Cidade: Conflitos e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife nos anos 1920.** Recife: UFPE 2003. Tese de Doutorado em História.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecoss da Folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DECANDIA, Lidia. **O tempo invisível: da cidade moderna à contemporânea**. In: Margem (PUCSP), São Paulo, v. 17, p. 181-195, 2003.

FERREIRA, José Maria. **História dos Campeonatos Pernambucanos**. Recife: Cepe, 2007.

FRYDENBERG, Julio. **Historia Social Del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Edictores, 2011.

GOMES, Tiago de Melo. **Um Espelho no palco**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

LUMBAMBO, Catia Wanderley. **O Bairro do Recife: entre o corpo santo e o marco zero**. Recife: CEPE, 1991.

MELO, Victor Andrade de. **Cidade Sportiva**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

\_\_\_\_\_(Org). **Os Sports e as Cidades Brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

PARAÍSO, Rostand. **Esses Ingleses...** Recife: Bagaço, 1997.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIO, Fernando. **Meu Recife de outrora : Crônica do Recife Antigo**. Recife: CEPE, 1969.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A BOLA EM MEIO A RUAS ALINHADAS E A UMA POEIRA INFERNAL: Os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**.

Belo Horizonte: UFMG: 2007. Dissertação de mestrado em História Social da Cultura.

SETTE, Mário. **Arruar: História pitoresca do Recife Antigo**. Rio de Janeiro: C.E.B, 1948.

SEVCENKO, Nicolau. **A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio de Janeiro** in História da Vida Privada Vol. 3. São Paulo: Schwarcz LTDA, p. 513-619, 1998.

\_\_\_\_\_. **“Futebol, metrópoles e desatinos”**. In: Revista USP, São Paulo, n. 22, p. 30-7, jun./ago. 1994.

ZAIDAN, Noemia Maria. **O Recife Nos Trilhos dos Bondes de Burro 1871-1914**. Recife: UFPE 1991. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento Urbano.